

O Hospital Central da Marinha

O que é êsse núcleo hospitalar da Marinha de Guerra do Brasil — A transformação radical por que está passando — Ligeiras e interessantes notas históricas

Reportagem de
L. J. DE BRITO REIS

O "PORQUÊ" DESTA RÉPORTAGEM

A Marinha de Guerra, no seu afanoso mistér de vigilante das costas e dos mares, se conserva, por suas próprias e peculiares funções, arredia da terra e, por conseguinte, do povo.

Êste, em geral, vive quasi sempre alheio ao que se passa no seio da Marinha, desconhecendo-lhe a sua vida presente e as realizações que empreende; quando muito — e isto mesmo os mais cultos e os mais estudiosos — devassam-lhe apenas o passado glorioso, através as páginas rutilantes da História Pátria.

Com o Exército Nacional, sediado em terra firme e, por isto, em contacto directo com a população, dá-se justamente o contrário, isto é, o povo acompanha, *pari passu*, o seu desenvolvimento e o seu progresso.

Felizmente, na gestão do actual detentor da pasta dos negócios navais, vão se tornando habituais as visitas de estudantes aos estabelecimentos e às unidades da Armada, prática de iniciativa do aludido titular e que, de futuro, estender-se-á, naturalmente, aos demais grupos e classes que integram a população civil dêstes rincões.

Embora afastada de terra, a Marinha, por suas nobres tradições e pelo seu rol de galhardas aventuras, conta com a simpatia popular.

Esquecida e descurada pelos governos anteriores, tendo quasi atingido o grau máximo de inatividade, por falta de vasos de guerra em con-

dições de navegabilidade e de combatividade, a Marinha vislumbrou no horizonte, bruxoleante, quasi se apagando, a estrêla que lhe iluminara a existência durante a sua fase áurea, na Monarquia, fase em que brilhou entre as maiores e as mais poderosas esquadras do mundo daqueles tempos.

Só a abnegação da nobre *gente do mar*, como diz Gastão Penalva, é que conseguiu equilibrar sôbre as águas, os velhos cascos pomposamente denominados de *navios de guerra*.

Hoje em dia, porém, graças ao sôpro renovador que perpassa por todos os setores da atividade brasileira, depois que o Estavo Novo quebrou os grilhões que nos amarravam à rotina e ao marasmo, a Marinha ressurge, qual nova Fénix, de suas próprias cinzas. E tudo nela se renova, oferecendo à vista do observador uma visão reconfortadora do que será, dentro em breve, a Esquadra do Brasil.

A razão primeira da existência da Marinha é, por certo, a sua esquadra, a sua frota marítima; para que esta possa, no entanto, objetivar os fins a que se destina, é necessário que com ela coexistam os chamados serviços auxiliares e anexos, que envolvem, no complexo de sua organização, todos os meios precisos para o funcionamento perfeito da complicada máquina de guerra.

Dentre tais serviços, avulta, sem obumbrar os demais, o da assistência social ao elemento humano, que é o fator pensante que dá vida à matéria inerte; são os militares e os civis que servem

à Marinha, êstes formando, é claro, um corpo auxiliar daqueles.

Assistência social é assunto, nos tempos que correm, de alta relevância, merecendo, por parte das autoridades supremas do país, o carinho que lhe é devido. Subdivide-se em muitas facetas e modalidades, dentre as quais se destaca a assistência hospitalar, a qual, através de hospitais, sanatórios, colônias, ambulatórios, etc., atende aos males que porventura venham a atacar o pessoal em serviço, colaborando, assim, com os demais órgãos que constituem a assistência social em conjunto, para que seja realidade o velho aforisma latino, sempre repetido: "*Mens sana in corpore sano*".

O núcleo central dêste serviço, na Marinha do Brasil, é o H. C. M. (Hospital Central da Marinha), objeto desta reportagem.

A propaganda sensata dos atos e fatos governamentais é de sã política e faz parte do sábio programa do Estado Novo.

Assim, tratando-se de uma parcela dos Serviços Públicos que, embora de caráter nitidamente militar, constitue, na forma da legislação atual, um dos órgãos de assistência social do funcionalismo civil da Marinha, não poderíamos escolher melhor veículo para esta publicação do que a "Revista do Serviço Público", editada pelo Departamento incumbido de supervisionar os mencionados serviços e lida pela quasi totalidade dos servidores do Estado.

Autorizado, pois, pelo Diretor do Hospital Central da Marinha — Capitão de Fragata, Médico, Dr. Fábio Alves de Vasconcelos — a cuja nímia gentileza devemos a oportunidade de minuciosa visita e as fotografias aqui estampadas,



Vista geral, do lado do mar

A transformação radical por que está passando aquele importante departamento naval inspirou-nos, numa visita que a êle fizemos, a idéia de o retirarmos da penumbra em que se acha, oculto na Ilha das Cobras, para o colocarmos, por meio de uma reportagem, às vistas do povo.

obtivemos, então, por intermédio do Sr. Capitão de Corveta José Espíndola, do Gabinete do Sr. Ministro da Marinha, a permissão desta autoridade para levarmos a cabo o nosso desideratum.

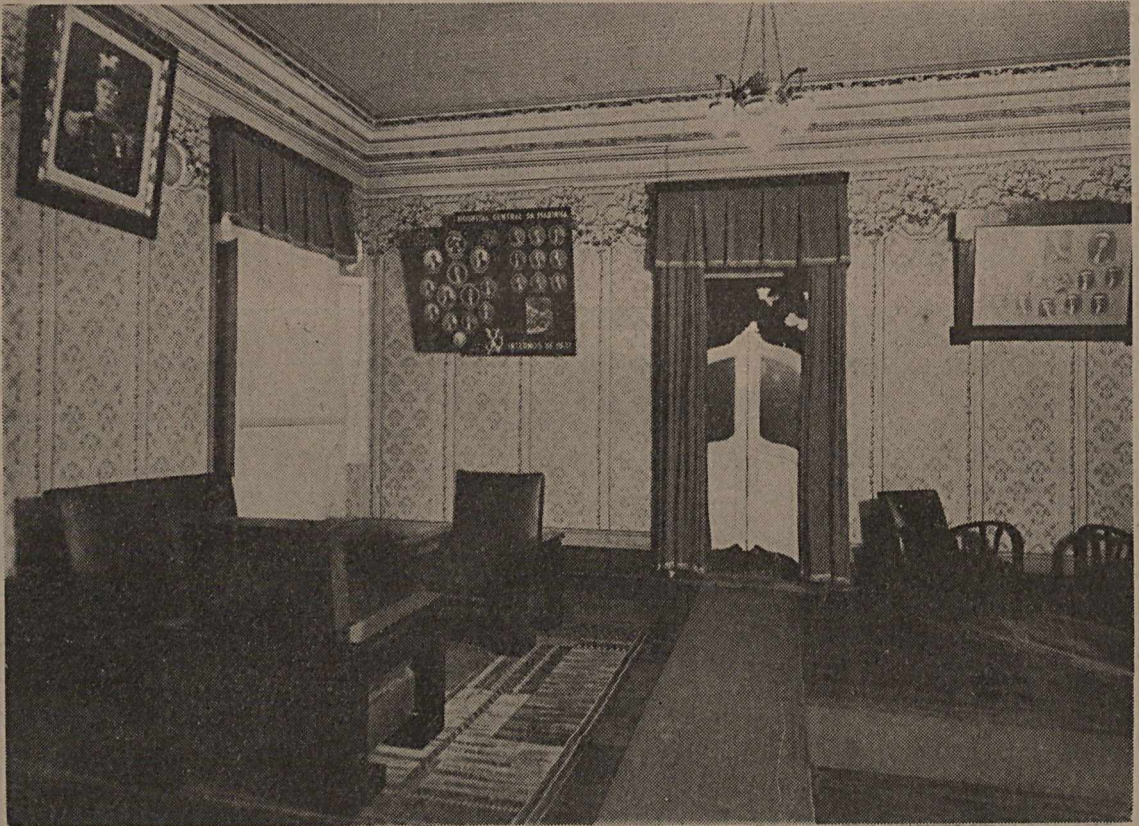
E eis-nos aqui, diante dos leitores desta revista, satisfeitos por prestarmos nossa colabora-

ção humilde, mas sincera, à Administração Pública, relatando o que foi e o que é o Hospital Central da Marinha.

DADOS HISTÓRICOS

E' sempre interessante, e atende à curiosidade humana, o sabermos o início das gentes e

Aliás, na Marinha, a não ser para pequenos detalhes, não recorremos mais aos antiquados e austeros volumes, pois a Divisão de História Marítima, do Estado Maior da Armada, tem se incumbido de retirar da poeira dos tempos idos, as figuras e os fatos que deram origem à nossa Marinha de Guerra.



Recanto do Salão Nobre — (Diretoria)

das coisas que nos rodeiam. Embora fatigante, o trabalho de buscas e pesquisas, através infólios de vetustos alfarrábios, traz-nos sempre, ao final, ao encontrarmos o fio da meada, o contentamento íntimo de vermos coroado de êxito o estafante perlustre que fizemos, por estantes pejudadas de antigos e carcomidos pergaminhos. Maior é o júbilo, então, quando conseguimos transmitir aos nossos semelhantes os resultados a que chegamos.

As pesquisas históricas são como o facho de luz que se irradia dos holofotes, iluminando, no horizonte escuro do "in illo tempore", os personagens e o cenário de priscas éras e revelando-nos o ambiente longínquo em que se representava a peça contínua e ininterrupta da vida.

Em se falando de história naval brasileira, cabe aqui, mui justamente, rendermos uma pávida homenagem à memória de Teotônio Meireles da Silva, historiógrafo de valor, oficial da Armada Brasileira, a quem devemos os primeiros documentos coligidos a tal respeito.

Respigando ali e acolá, coordenamos os elementos que se seguem, com relação ao histórico do H.C.M.

Em 1582, fundado que foi o Hospital da Misericórdia, lá eram tratadas as praças da Marinha; para tanto, contribuía a Fazenda Real com o auxílio ânua de um conto de réis.

Só em 1702, pela Carta Régia de 21 de março, é que se cogitou da fundação de um estabelecimento destinado à hospitalização das praças da

Armada, estabelecimento que foi posto a funcionar em 1727, dentro do **Quartel da Guarnição das Naus**, no sítio conhecido pelo nome de **Rua dos Quartéis da Armada**, posteriormente denominada Rua de Bragança e que outra não era senão a atual Rua Conselheiro Saraiva.

Mais tarde, o Vice-Rei, Conde de Azambuja, achando impróprio o local, transferiu o dito estabelecimento para a casa que fôra, outrora, o Colégio Jesuítico e que havia sido destinada, pelo seu antecessor, Conde da Cunha, para residência dos Governadores.

O Alvará de 9-3-1791 instituiu o lugar de "Cirurgião-Mór das Armadas", que, em junho de 1808, era exercido por Frei Custódio de Campos e Oliveira, durante a estadia da Família Real no Brasil.

Por decreto de 1-9-1810 foi nomeado o Médico da Real Câmara, Vicente Antônio de Aze-

gião-Mór, o Capitão Francisco Júlio Xavier, que em 24-10-1822 foi investido, por Pedro I, nas funções de Cirurgião-Mór da Armada do Império do Brasil, com a graduação de Primeiro Tenente, graduação elevada ao posto de Capitão de Mar e Guerra, em 1827.

A lei orçamentária de 25-11-1830 mandava suprimir, quando se vagassem, os lugares de Físico-Mór e de Cirurgião-Mór.

Já na Regência, durante a minoridade de Pedro II, é que, por decreto de nove de dezembro de mil oitocentos e trinta e três, foi creado o "Hospital da Armada e Corpo da Artilharia da Marinha", no local designado, na ilha das Cobras, dentro do recinto da Fortaleza que ali havia sido fundada em 1731.

Destacamos do decreto da criação do hospital os seguintes dispositivos:



Gabinete de roentgenfotografia e eletrocardiologia

vedo, Físico-Mór das Armadas, "emprego distinto do de Cirurgião-Mór", e com a graduação de Capitão de Mar e Guerra.

Com a retirada da Família Real para a Europa, ficou no Brasil, como Delegado do Cirur-

"Art. 3.º — Haverá um Professor com o título de Diretor do Hospital de Marinha, o qual terá a seu cargo o seguinte:

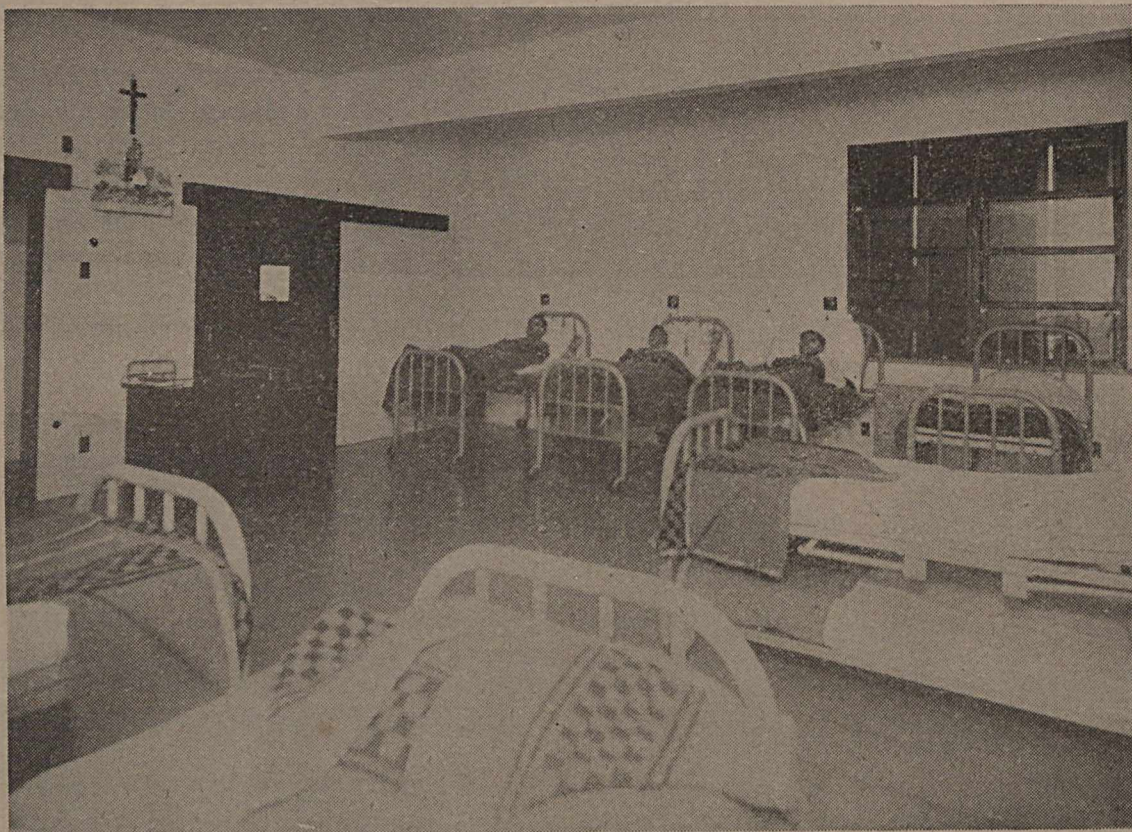
.....
§ 2.º — Presidir as conferências, e assistir as grandes operações, praticando-as, ou mandando-as praticar pelo Primeiro Cirurgião".

O hospital começou a funcionar a 3 de março de 1834, na referida ilha, sob a direção do Cirurgião-Mór Francisco Júlio Xavier; era, então, Ministro da Repartição dos Negócios da Marinha, Joaquim José Rodrigues Torres.

E' interessante transcrevermos aqui um trecho do relatório do Ministro Marquês de Para-

gata, Dr. Francisco Felix Pereira da Costa, que já era Primeiro Cirurgião do estabelecimento desde a sua fundação.

Pelo decreto de n.º 1.104, de 3-1-1853, foi dado novo regulamento ao Hospital de Marinha da Côrte, o qual, de acôrdo com o artigo 14, passou a ser dirigido por oficial combatente.



Enfermaria da clínica cirúrgica

naguá, datado de janeiro de 1843 e do qual se depreende a exígua lotação do hospital, naquela época :

"O Hospital de Marinha da Côrte continua a prestar aos empregados do Corpo da Armada todos os socorros de que necessitam. Este estabelecimento contem ordinariamente em tratamento de 130 até 140 doentes. Para melhor acomodá-los se está construindo uma nova enfermaria; e algumas obras mais lhe são necessárias ainda, para que decentemente sejam recebidos os officiaes que nele forem curar-se".

Por volta de 1842 vagou-se o cargo de Cirurgião-Mór e só por decreto de 23-4-1849 é que foi aprovado o plano para o Corpo de Saúde da Armada, creado em 1850.

Dirigiu o Hospital da Marinha, de 1843 a 1853, o Cirurgião de Esquadra, Capitão de Fra-

Foi nomeado seu Diretor, em 30-3-1853, o então Capitão de Mar e Guerra Benjamin Carneiro de Campos, mais tarde Conselheiro, e que passou a acumular as funções de Comandante da Fortaleza da Ilha das Cobras, a partir de 22-12-1856.

Este official, tendo se reformado em 1868, dirigiu ainda os destinos do hospital até 1874, quando foi nomeado Intendente da Marinha, na Côrte.

Em virtude dos Avisos de 25 de junho e de 1.º de setembro de 1863 foi construido, no recinto da fortaleza, ao lado do hospital, o quartel do Batalhão Naval, passando para o comando d'este o da fortaleza, presidio e Cia. de Inválidos, nos justos termos do Aviso de 15-6-1867. O Batalhão Naval aquartelava, até àquella época, junta-

mente com o Corpo dos Imperiais Marinheiros, em Villegaignon.

Depois de exonerado Benjamin Carneiro de Campos do cargo de Diretor do Hospital de Marinha da Côrte, substituiu-o, interinamente, o Cirurgião de Esquadra, Capitão de Fragata, Dr. Bento de Carvalho e Souza, nomeado por Aviso de 10-4-1874 e que passou o mencionado cargo, em carater efetivo, ao Cirurgião Mór da Armada, Capitão de Mar e Guerra, Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier de Azevedo.

A 3-11-1877 foi transferida para o aludido hospital a Secretaria do Corpo de Saúde da Armada, tendo sido, então, absorvidas pelo Cirurgião-Mór da Armada, as funções de Diretor do estabelecimento, cargo suprimido pelo § 5.º do art. 5.º da Lei n.º 2.792, de 20 de outubro do mesmo ano.

Carvalho e Souza, com a gratificação estipulada na lei de meios de 20-10-1887, de n.º 3.349.

Já na República, pelo dec. n.º 429, de 29-5-1890, que lhe deu novo regulamento, o hospital passou a denominar-se "Hospital de Marinha do Rio de Janeiro", determinando o art. 11, do Cap. II, que o Diretor fôsse um oficial general da Armada.

Durante a revolta da Esquadra, em 1893, estando o hospital ocupado pelos revoltosos, o pessoal da Marinha passou a ser tratado na Misericórdia, nas enfermarias do Exército e na Enfermaria instalada nas salas da Repartição da Carta Marítima, hoje Diretoria de Navegação.

Finalmente, em 1908, pelo decreto n.º 7.203, de 3 de dezembro daquele ano, que regulamentou o Serviço Hospitalar da Marinha de Guerra, o hospital tomou o nome de **Hospital Central da**



Clínica oto-rino-laringológica (Sala de curativos)

Tal situação perdurou até 1887, quando foi restabelecido, novamente, o lugar de Diretor, tendo sido nomeado para o mesmo, por Av. de 7 de janeiro do ano seguinte, 1888, o Cirurgião de Esquadra, Capitão de Fragata, Dr. Bento de

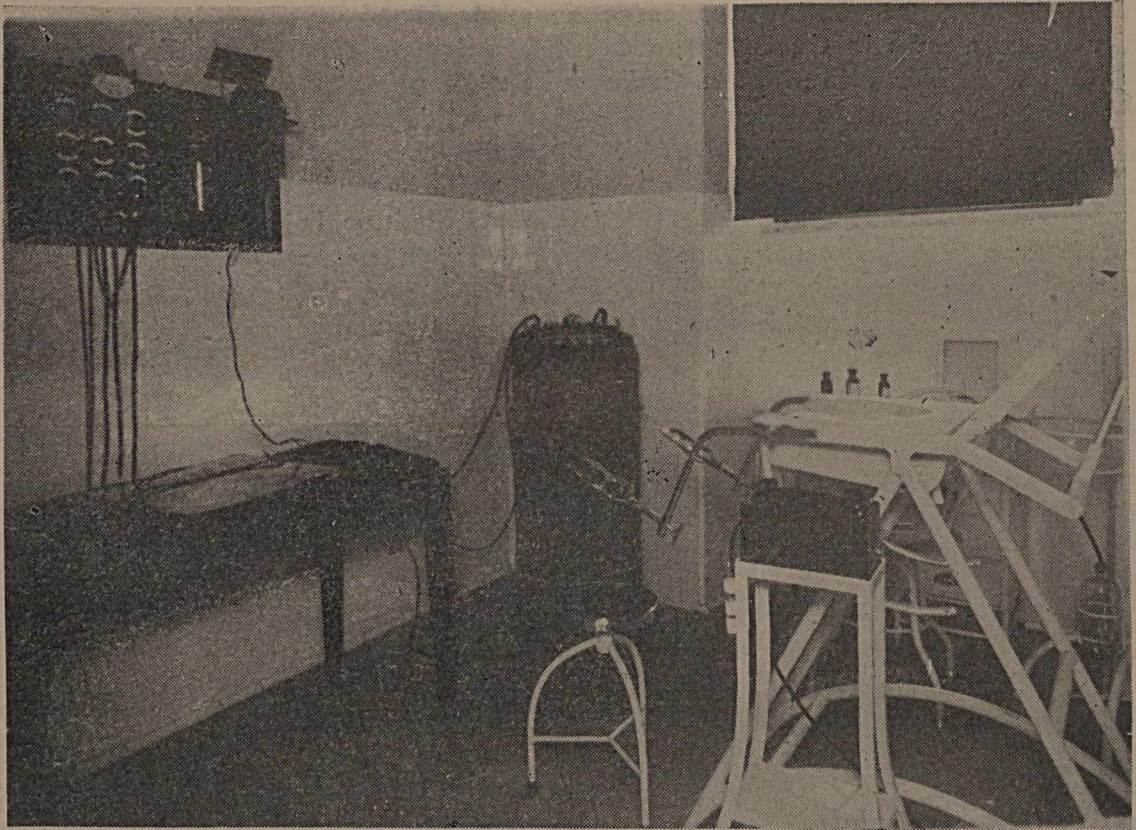
Marinha e seu Diretor passou a ser médico do Corpo de Saúde da Armada.

Hoje, aquela dependência naval é orientada pelo Regulamento do Serviço Hospitalar para a Marinha de Guerra, aprovado pelo decreto nú-

mero 24.567, de 4-7-1934, baixado durante a gestão do saudoso Almirante Protógenes Pereira Guimarães.

Eis, em largas pinceladas, o resumo histórico do H.C.M., resumo que, si algum valor tiver, servirá de modesto subsídio para estudos

E, no entanto, a sua situação é privilegiada, construído no alto, dentro da antiga fortaleza, dando-nos a impressão de uma pequena vila, com suas ruas e becos, e descortinando, para os lados do mar, aos olhos sempre ávidos de beleza, um magnífico panorama da baía de Guanabara, com



Clinica urológica : Sala de endoscopia

mais aprofundados, por parte daqueles que queiram reconstituir, detalhadamente, a história dos povos e das coisas.

O ATUAL H.C.M.

INSTALAÇÕES

O H.C.M., desde a sua fundação, em 1834, tem sofrido várias modificações e alterações diversas, com o fito de melhor atender aos fins para que foi creado.

De alguns anos para cá, entretanto, o conjunto de seus velhos edificios vinha denunciando, na fachada dos mesmos, a pátina do tempo, oferecendo uma visão desoladora, assim como que pardieiros condenados pela inflexível ação das intempéries,

a Esquadra em repouso, balouçando-se ao fluxo e refluxo das marés, índice da Paz que sobrepára o Estado Brasileiro.

A transformação radical, porém, por que está passando, com a demolição das arcaicas construções e o levantamento de casario novo, todo revestido de pó de pedra; a reforma de outras, ainda em condições de sofrerem reparos; a mudança das instalações internas e a dotação de novos e modernísimos aparelhos; tudo isso dá ao H.C.M. um aspecto novo, de indumentária toda renovada, de faceira cidadela engalanada em dias festivos, de mostra geral.

O H.C.M., com suas enfermarias confortáveis, até mesmo luxuosas, ultrapassando de muito as mais modernas casas de saúde particulares, é um atestado vivo e eloquente de quanto pode uma administração honesta e orien-

tada no sentido do bem-estar geral, quando se sente apoiada pelos poderes constituídos, no terreno da ajuda financeira e material e do auxílio moral. E tal apóio não tem sido negado, pelo atual Ministro, aos Diretores daquele estabelecimento hospitalar.

O H.C.M., nas condições em que se apresenta, é um desmentido formal e categórico ao que escreveu, no seu relatório de 11-5-1863, o então Chefe de Divisão Raimundo de Lamare, Ministro da Marinha, baseado nas informações do Cirurgião-Mór da Armada :

"...visto como, jamais poderá o atual, quaesquer que sejam os concertos e modificações que soffrer, reunir as condições normaes de um bom hospital". (O grifo é nosso).

Na visita que fizemos, perlustrámos todas as suas dependências e recantos, desde o gabinete do Diretor, passando pelas enfermarias e clínicas, até a cozinha e o paiol de mantimentos ; e a impressão de limpeza, de asseio, de ordem, de conforto, ficou-nos gravada na retina, constatan-do nós, ser o H.C.M., hoje em dia, u'a modelar casa de assistência hospitalar, justo orgulho dos que se interessam pelas coisas da nossa Marinha.

Aliás, a febricitante atividade que notamos nos domínios navais, com a renovação de seu material flutuante e o de terra firme, é um reflexo do dinamismo que empolga a Administração Pública Brasileira, de acôrdo com as diretrizes traçadas pelo Chefe do Estado Nacional.

Possue o H.C.M. um carro para o serviço do seu Diretor ; uma *camionette* para a condução do pessoal e um caminhão para o transporte de material.

Acha-se quasi terminada a balaustrada que o circunda, na parte que fica a cavaleiro dos diques, e que dá um ar de imponência ao conjunto, evocando-nos o estilo heráldico das primevas fortificações.

O acesso ao hospital é dado, aos pedestres, por moderna ponte de cimento armado, servida por dois elevadores, e aos veículos, pela rampa comum que vai ter ao Corpo de Fusileiros Navais.

A tradicional Capela não foi esquecida, e está sendo quasi reconstruída, já de posse de novo e bonito altar, oferta do titular da Pasta, Almirante H. A. Guilhem.

A lavanderia, dispondo de apropriadas instalações, foi reconstruída, com pavimento superior, para alojamento das Irmãs de Caridade, em

prolongamento ao antigo ; neste alojamento encontram aquelas religiosas todo o conforto de que necessitam, na sua árdua e meritória missão de amenizar a dor alheia.

O necrotério, fóra dos muros do hospital, foi completamente reformado, com aumento de área para os serviços de medicina legal ; dispõe de instalação frigorífica para conservação de 4 cadáveres e de sala própria para velório, com instalação sanitária.

O "Paiol de Mantimentos" é de construção recente, nele funcionando as Intendências do Material e do Pessoal.

Na cozinha geral houve reconstrução do prédio, instalando-se novas máquinas e caldeirões a vapor ; a higiene ali é notavel, chamando a atenção do visitante a maquinária destinada à lavagem dos pratos e das panelas.

No local onde existia a 13.^a enfermaria (isolamento) foi construído um prédio, com 2 pavimentos, para alojamento da guarnição.

No local da sétima, acha-se ainda em construção o Laboratório de Análises Clínicas, a ser remontado com todos os requisitos da técnica moderna ; e a 12.^a (clínica dermatológica e sifilográfica), em reconstrução, abrigará, no mesmo edifício, a enfermaria-prisão, para os detidos.

A Escola de Enfermeiros, que funciona no hospital, terá a sua futura séde no pavimento térreo da 2.^a enfermaria, a qual se acha em reforma geral.

Para o Médico de dia existem o dormitório, a sala de refeições, a biblioteca e a sala de estar, com mesa de bilhar e rádio.

As enfermarias gerais e os quartos são amplos, arejados, dispondo de mobiliário adequado e de campainhas de chamada.

Os refeitórios, dotados de rádio e de mesas redondas, pequenas, são enfeitados com flores, arranjadas em elegantes vasos.

O gabinete do Diretor, além do gabinete propriamente dito, dispõe das seguintes peças : salão nobre, sala de espera, sala de refeições, sala de estudos, quarto de dormir e banheiros ; ao lado funciona a Secretaria.

No último decênio, muitas têm sido as modernizações introduzidas na séde do H.C.M., sendo de notar o futuro cinema, ao ar livre, de que disporá, brevemente, estando a terminar as obras levadas a efeito em local apropriado ; nele terão os enfermos o seu recreio, quebrando assim a monotonia e o tédio que envolvem o ambiente

das casas de saúde. Não só de recreio servirá êle, porém; pela sua tela passarão projeções de filmes educativos e patrióticos que, além da ilustração que proporcionarão aos doentes, contribuirão para levantar-lhes o moral.

A lotação atual do H.C.M. é de 400 leitos.

Existe ainda a enfermaria de clínica neuropsiquiátrica, junto à qual está localizado o **quarto forte**, destinado à internação temporária e passagem dos mais agitados, à espera de condução para hospitais apropriados. Consta, aliás, que nos terrenos contíguos ao Instituto Naval de Biologia, da Boca do Mato, será construído, breve, um estabelecimento de tal gênero, para o pessoal da Marinha.

Ao lado da ótima instalação material de que está dotado, usufrue o hospital os benefícios naturais que lhe são dispensados pela natureza, em virtude de sua situação pitoresca no alto da ilha.

PAVILHÕES

“Alexandrino de Alencar” — reconstruído com 3 andares, obedecendo a todos os requisitos hodiernos de higiene, compreendendo o bloco cirúrgico e serviço de traumatologia e alta cirurgia, além dos serviços de pequena cirurgia e ortopedia, com salas de operações e de esterilização completas.

“Pereira Guimarães” — reconstruído com 3 andares, nele funcionando as seguintes clínicas: traumatologia, otorrinolaringologia e oftalmologia, com ambulatórios completos e aparelhagens das mais modernas, destinadas à cirurgia altamente especializada, contando ainda com salas de operações e de esterilização.

“Dr. Lopes Rodrigues” — reconstruído com 3 andares, abrangendo a clínica urológica, com ambulatórios de sífilis e da clínica, dispoendo de salas de operação e de esterilização, com aparelhos elétricos de diatermia, infra-vermelhos, bisturi elétrico e aparelhagem especial para auto-lavagens.

“De Oficiais” — reconstruído com 3 andares, nele funcionando o vestiário, a barbearia, a sala do banco e os serviços de eletro-cardiologia, roentgenfotografia, massoterapia e hidroterapia; êste pavilhão se comunica, por meio de galerias, com os demais pavilhões.

SERVIÇOS DE RAIOS X E FISIOTERAPIA

Sob a atual direção sofreram êstes Serviços completa remodelação, tendo sido instalados novos aparelhos de Raios X para radiodiagnóstico, de radioterapia, de fisioterapia, êste serviço com ligações para os de roentgenfotografia, eletrocardiologia, hidroterapia e massoterapia.

ORGANIZAÇÃO

Os serviços de assistência social da Marinha Brasileira formam uma constelação, da qual o H.C.M. é uma das estrêlas de primeira grandeza, devido à sua importante atuação; esta constelação gravita, coordenadamente, em torno da Diretoria de Saúde Naval, que, pelo regulamento, é o centro de todo o sistema.

Os demais serviços, neste campo de ação, estão afetos ao Instituto Naval de Biologia, Pronto Socorro Naval, Laboratório Farmacêutico e Odontoclínica Central.

O hospital é constituído pela Diretoria, Vice-Diretoria, Secretaria, Laboratório de Análises, Farmácia, Intendência, Serviços e Clínicas.

Durante a atual direção foram restabelecidas as conferências médicas regulamentares, reuniões científicas encetadas pelo atual Contra-Almirante da Reserva, Médico, Dr. Artur Pires do Amorim, quando Diretor daquele estabelecimento.

CHEFIAS

O corpo de cientistas e de técnicos do H.C.M. é formado de elementos de escol, todos devotados ao nobre sacerdócio de sua profissão.

Damos em seguida uma relação dos Chefes dos principais serviços especializados:

Médicos

Capitão de Fragata — Dr. Fábio Alves de Vasconcelos, Diretor

Capitão de Fragata — Dr. Osvaldo Palhares, Vice-Diretor

Capitão de Fragata — Dr. Erasmo José da Cunha Lima, Chefe do Laboratório de Análises

Capitão de Fragata — Dr. Luiz Cordeiro Alves Braga, Chefe da Clínica Sifilográfica

Capitão de Corveta — Dr. Antônio Aires de Mendonça, Chefe da Clínica Médica

Capitão de Corveta — Dr. Nelson de Barros e Vasconcelos — Chefe da Clínica Oftalmológica

Capitão de Corveta — Dr. Antônio José de Melo Nogueira, Chefe da Clínica Urológica

Capitão de Corveta — Dr. Luiz Gonzaga de Castro, Encarregado do Material Cirúrgico

Capitão de Corveta — Dr. Carlos Augusto de Brito e Silva F.º, Chefe da Clínica Cirúrgica

Capitão de Corveta — Dr. Armando Pinto Fernandes, Chefe da Clínica Otorrinolaringológica

Capitão-Tenente — Dr. Maurício de Barros Barreto, Chefe dos Serviços de Raios X

Capitão-Tenente — Dr. Abelardo de Figueiredo Meireles, Chefe da Clínica Neuro-Psiquiátrica

Farmacêutico

Capitão de Corveta — Eronides dos Santos Selva — Encarregado da Farmácia

Dentista

Capitão de Corveta — Armando de Castro e Silva Segond, Encarregado do Gabinete Odontológico.

Quer nos parecer que a descrição sucinta que tentámos fazer do maior estabelecimento hospitalar da Marinha, resultante da pormenorizada visita que ao mesmo fizemos, embora não esteja vasada em estilo de **alto bordo**, como se diz na gíria, representa uma fiel fotografia do que vimos, colimando, assim, o fim a que nos propusemos.

Outras reportagens sôbre assuntos referentes à Marinha serão dadas à publicidade, si continuarmos a obter a indispensavel autorização do Sr. Ministro e a contar com o amavel acolhimento das colunas desta Revista.

ZELE PELA CONSERVAÇÃO E ECONOMIA DO MATERIAL DE SEU USO: MATERIAL DO GOVERNO É DINHEIRO DE TÓDOS NÓS